

PROJETO EXEMPLAR Como começaram a ser resgatados os burros da Graciosa



SÃO BARTOLOMEU Aliar progresso e sentido de comunidade



DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL ASSOCIAÇÃO

abril/2025

grater@grater.pt

www.grater.pt

• distribuição gratuita

ESTE SUPLEMENTO INTEGRA O JORNAL DIÁRIO INSULAR E NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE













ENTREVISTA COM O PRESIDENTE DA COMISSÃO VITIVINÍCOLA DA CÂMARA DO COMÉRCIO DE ANGRA

A Expo Atlantic Terroir, que arranca amanhã com a GRATER como um dos parceiros, une a fileira da vitivinicultura em Angra do Heroísmo. Vinhos e gastronomia esperam os visitantes neste evento que Rui Martins apresenta como "inovador". páginas 04 e 05





PAULA SOUSA Vice-presidente do Conselho de Administração da GRATER

Valorizar

os territórios

Os territórios rurais das ilhas Terceira e Graciosa, nos Áçores, representam exem-plos notáveis da importância da preserva-ção e valorização das zonas comunitárias,

pios notaveis da importancia da preservação e valorização das zonas comunitárias, não apenas em termos económicos, mas também culturais e ambientais.

Estas ilhas, com as suas paisagens únicas e tradições enraizadas, oferecem um potencial imenso para o desenvolvimento sustentável, preservando ao mesmo tempo o seu carácter distintivo e autêntico.

Ambas as ilhas, com a sua diversidade de paisagens, desde os campos agrícolas até às montanhas e zonas costeiras, têm um valor enorme em termos de património natural e cultural. As suas áreas rurais são fundamentais para a produção agrícola, destacando-se na produção de leite (e derivados) e carne, produtos emblemáticos da economia local.

Além disso, a viticultura tem vindo a ganhar cada vez mais importância, com a produção de vinho de qualidade que reflete as características geográficas e climáticas da ilha Bastará vermos a Expo Atlantic

produção de vinho de qualidade que reflete as características geográficas e climáticas da ilha. Bastará vermos a Expo Atlantic Terroir para percebermos o atual fulgor do setor. É fundamental reunir territórios e juntos trabalharmos no objetivo comum, a promoção dos nossos produtos junto de outros territórios. A candidatura dos Açores a Cidade Europeia do Vinho é outra evidência desta vontade. Valorizar esses territórios é, portanto, garantir a continuidade de uma tradição agrícola que já dura séculos, ao mesmo tempo que se promove um turismo sustentável, que pode beneficiar das paisagens naturais, das atividades agrícolas e dos saberes locais. O que nos é próprio, único e que nos diferencia dos demais. O turismo de natureza, o turismo cultural

O turismo de natureza, o turismo cultural e o agroturismo são algumas das estratégias que podem contribuir para o desenvolvimento económico sustentável, respeitando as especificidades da ilha e os seus valores mais profundos.

mais profundos.

Ambas as ilhas, a Terceira e a Graciosa, têm um enorme potencial para se tornarem referências no campo do turismo rural, em que os visitantes podem vivenciar a autenticidade das suas tradições e explorar as suas paisagens de forma responsável e sustentável sustentável.

No entanto, é fundamental que o desenvolvimento dessas regiões seja equilibrado, garantindo que a modernização e a inovação não coloquem em risco o legado cultu-

cao nao coloquem em risco o legado cultural e ambiental que as caracteriza.

A valorização das zonas rurais dessas ilhas deve ser vista como uma estratégia para manter as suas populações e promover o crescimento económico local, sem perder a sua identidada a conovõe com a terra

a sua identidade e conexão com a terra. A GRATER tem sido e continuará a ser parceira estratégica na valorização do espaço rural e na preservação da identidade dos territórios. É uma estratégia com frutos re-conhecidos, que é fundamental continuar a dinamizar, implementar e valorizar.

Quanto mais valor tiverem os nossos ter-ritórios – no sentido da sua rentabilização sustentável para as populações, através da qual os mesmos sejam espaços de vida e atratividade comunitária, empresarial e cultural - mais futuro terão as nossas ilhas. Este tem de ser o foco.

OPINIÃO

Territórios rurais portugueses - Caminhos para retomar a Abordagem LEADER



ANTÓNIO OLIVEIRA DAS NEVES

Os GAL (Grupos de Ação Local) têm realizado, nos últimos trinta anos e no âmbito da abordagem Leader, um trabalho persistente de animação socioeconómica para o desenvolvimento dos territórios rurais por-

Na preparação das Estratégias de Desenvolvimento Local (EDL), o referencial que orienta a intervenção dos GAL e a afetação dos recursos de financiamento (FEADER) seguiu de perto as prioridades da política de desenvolvimento rural comunitária para o período 2021-2027, onde pontificam novas áreas temáticas: Bioeconomia sustentável, Economia circular, Digitalização e Aldeias Inteligentes. Na ótica do futuro, no horizonte de um novo ciclo de programação, a Comissão apresentou em meados de fevereiro o Roteiro para um setor agrícola e agroalimentar próspero na EU enunciando condições justas de vida e trabalho em áreas rurais, trabalhar no âmbito de um "Plano de Ação Rural atualizado para garantir que as áreas rurais permaneçam vibrantes, funcionais e profundamente ligadas ao patrimônio cultural e natural da UE". Este documento acrescenta novas prioridades ao complexo de políticas de coesão, desenvolvimento rural e cooperação territorial (políticas que procuram enquadrar/ dar respostas às transições climática, energética e demográfica.

Neste novo contexto, o movimento do desenvolvimento rural-local tem de estar preparado para, de forma inteligente, demonstrar que é um parceiro incontornável das políticas públicas setoriais e transversais nos territórios, que os GAL são os principais (em algumas zonas, os únicos) aliados de uma execução participada, eficaz e eficiente de recursos financeiros públicos, de origem nacional e/ou comunitária.

Essa demonstração será tanto mais bem--sucedida quanto os GAL/ADL se revelarem capazes de (re)interpretar nos respetivos territórios um conjunto de vetores de relançamento da Abordagem LEADER, na certeza que esta, como há mais de trinta anos, terá de ser plural, pois tem de comportar, em cada momento, a riqueza da diversidade dos argumentos competitivos dos territórios rurais de baixa densidade.

A amplitude dos vetores a seguir indicados expressa justamente essa pluralidade, ainda que com enfoques temáticos orientados

- Combinar os vetores do desenvolvimento sustentável de recursos naturais (com expressão económica e não económica) e culturais das zonas de intervenção, num quadro de estímulo a iniciativas empresariais, a fileiras de negócio e a cadeias de valor, ancoradas em dinâmicas de mercado consolidadas e/ou emergentes.
- Promover uma cultura de parceria e de estruturação em rede de iniciativas e de projetos locais, colocada ao serviço da valorização dos recursos dos territórios, de modo que estes sejam capazes de se tornarem «empreendedores» e alimentarem uma atmosfera de negócios duradoura, ou seja, de se transformarem em espaços de iniciativa e, subsequentemente, em "espaços de excelência».
- Construir uma visão de abertura e de preparação para o mercado das diversas iniciativas e ações que deverão permitir compor uma oferta consistente que atraia e dinamize a procura externa (urbana) e contribua para a sustentabilidade dos pro-
- Dar voz e oportunidade aos atores dos territórios (individuais e coletivos- associações empresariais, organizações de produtores, ...) e a todos aqueles que deles querem fazer parte, pelo seu capital empreendedor e de investimento.
- Aumentar o capital de conhecimento presente nos territórios, seja pela dinamização de projetos que têm a ciência e o conhecimento como alvo, seja pela disseminação, através de formação, dos conhecimentos e das técnicas necessários ao sucesso dos projetos e à sua compreensão e aceitação pelas populações- agentes implicados e primeiros beneficiários.
- Conceber, organizar e dinamizar produtos e serviços (económicos, turísticos, culturais, de desfrute da natureza, ...) com a maturidade que lhes facilite uma adequada valorização de mercado, numa atitude proativa permanente.
- Organizar de forma coerente os serviços coletivos de proximidade.



ESPAÇO ASSOCIADO

JUNTA DE FREGUESIA DE SÃO BARTOLOMEU DE REGATOS Manter o sentido de comunidade numa freguesia em mudança

São Bartolomeu conta com mais de 1900 habitantes, mas não quer limitar-se a ser um "dormitório" encostado a Angra do Heroísmo. Há vários projetos para a comunidade.

A freguesia de São Bartolomeu de Regatos, uma das mais antigas da Terceira, cresceu dedicada à agricultura, mas hoje esse é um perfil em mudança.

Com mais de 1900 habitantes e próxima de Angra do Heroísmo, tornou-se um ponto de fixação de população.

Cesário Pamplona, presidente da Junta de Freguesia, coloca exatamente aí o desafio. É importante garantir que a localidade não se torna um apenas "dormitório" e que conserva um sentido de comunidade.

A parte mais rural reside nos Regatos e a zona do Pesqueiro é onde mais pessoas se concentram. Também essa área da freguesia foi um dia virada para a agricultura, sobretudo para a produção de vinho. Atualmente, ainda existem, segundo Cesário Pamplona, vitivinicultores, mas é algo que se está a perder. "As pessoas vão ficando com mais idade e são poucos os novos que querem pegar neste tipo de trabalho", diz.

As alterações na freguesia fazem-se sentir. "Temos muita gente que veio para cá morar e que praticamente não participa em nada", afirma o autarca.

São Bartolomeu mantém uma filarmónica, um grupo de folclore, escuteiros, um grupo de jovens, uma academia de dança e um clube de judo. "Temos algumas coletividades com algum peso, mas tem vindo a decrescer o número de elementos por cada uma, porque as pessoas não participam. Identificam-se com a freguesia, porque a escolheram para morar, mas não cresceram cá, não têm essas raízes", explica.



A junta de freguesia tem apostado em "dinamizar o máximo possível" as atividades, colaborando nesse propósito com a Casa do Povo, a que pertencem o grupo de folclore e a filarmónica

Os benefícios de um maior envolvimento são, do ponto de vista de Cesário Pamplona, evidentes. "Teríamos, por exemplo, uma filarmónica com mais elementos, tal como o grupo de folclore. O grupo de jovens é a mesma coisa. É preciso renovação", vinca, sobre esse potencial adormecido.

No campo das atividades económicas, a mais forte permanece, mesmo assim, a agricultura. "Temos também cafés e algum comércio, mas muito pouco. Na zona central, do Terreiro, não temos nenhum café, tirando um que abre, esporadicamente, à noite, para fazer uma angariação de fundos para as festas. Não temos também um restaurante, que é uma questão que faz muito falta", descreve.

A falta de oferta de restauração pode prejudicar o desenvolvimento do turismo, considera. "Através da GRATER, já há mais de 20 anos talvez, foi feita uma candidatura para o núcleo museológico da freguesia de São Bartolomeu, criado no antigo posto do leite. Neste momento, está lá representado o que era a freguesia. É o que temos nesse sentido, mas o turismo não passa por aqui, porque São Mateus é uma vila muito forte a nível de restauração e é pouco o turismo que vira para

aqui", precisa o autarca.

É também em São Bartolomeu que se localizam os Viveiros da Falca e a Lagoa das Patas, zonas de natureza importantes na ilha, mas distantes do centro da freguesia.

Necessidade de investimento

O presidente da Junta de Freguesia de São Bartolomeu dos Regatos considera que uma localidade com mais de 1900 habitantes merece mais investimento. "Há freguesias mais pequenas do que a nossa com outro tipo de desenvolvimento", sublinha.

"As Cinco Ribeiras têm um lar de idosos, com perto de 500 ou 600 habitantes. Somos uma freguesia que está a precisar urgentemente de uma infraestrutura nesse sentido, um centro de dia, com capacidade de centro de noite, num futuro próximo", explica, adicionando que existe um "interessado em realizar esse investimento".

A capacidade financeira da junta de freguesia para avançar com "grandes obras" é limitada e estas necessitam da parceria do Governo Regional ou do município. "São as nossas fontes de rendimento e temos de ter a capacidade também de colocar projetos grandes em cima da mesa. Há terreno e espaço para criar uma valência dessas na freguesia", aponta.

Vão avançando projetos. A junta de freguesia inaugurou recentemente uma nova obra, um chafariz e monumento de homenagem ao cantador João Ângelo. Também ficou pronto, no final de 2024, um ginásio ao ar livre, financiado através do Orçamento Participativo da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo.

É intenção apostar num ATL (Atividades de Tempos Livres), em parceria com a ACM (Associação Cristã da Mocidade).

Cesário Pamplona está ligado à junta de freguesia há 24 anos e encontra-se à beira de completar o segundo mandato como presidente. "O que gosto mais do serviço autárquico é essa proximidade com as pessoas. Sempre que consigo fazer algo por alguém, fico satisfeito", diz.

Identifica problemas sociais, tantas vezes encobertos. "O pobre nunca procura ajuda, mais depressa vai bater outro à porta da junta. Por exemplo, um cidadão aqui da freguesia, há dois anos, perguntei-lhe se não queria arranjar a sua casa. Ele ficou surpreendido, mas expliquei-lhe que íamos à junta e fazíamos uma candidatura. A casa está arranjada e tem condições de habitabilidade, antes chovia lá dentro. São pequenas obras, que fazem diferença. Não é só fazer obras grandes, que depois têm de ser mantidas", defende.

A toxicodependência afeta alguns jovens da freguesia, que "não é exceção" neste fenómeno, explica. "Temos de olhar para este assunto com olhos de ver, mesmo", sustenta.

Cesário Pamplona propõe um projeto, a criação de uma horta comunitária, para começar a dar a esses jovens um propósito. "Fazia com que uma parte destas pessoas tivesse uma atividade. Durante o dia faziam ali o seu trabalho, numa perspetiva terapêutica. Não sei se é o caminho ideal ou não, mas seria algo a pensar". reflete.

Há cerca de um ano e meio, a junta de freguesia apostou na contratação de um funcionário administrativo. É agora maior a capacidade para apostar em candidaturas que permitam avançar com e com outros projetos.



ENTREVISTA

RUI MARTINS, PRESIDENTE DA COMISSÃO VITIVINÍCOLA DA CCIAH

"Nunca houve uma exposição desta natureza nos Açores"

Rui Martins explica o que será a Expo Atlantic Terroir, marcada para a partir de amanhã, no Pavilhão Multissetorial da ilha Terceira. Defende que a ilha tem de se projetar "como um todo" na produção de vinho.

O que motivou a criação da Expo Atlantic Terroir, entre os dias 4 e 6 de abril, no Pavilhão Multissetorial da ilha Terceira, e qual a importância deste evento para a vitivinicultura da Terceira e dos Açores?

A Expo Atlantic Terroir - Terceira Açores advém da necessidade de haver um evento que espelhasse o que de melhor se faz na fileira da vitivinicultura ao nível dos Açores. Um evento que não olhasse só para o vinho no momento de prova, mas que fosse montra de tudo o que o setor envolve. A Mesa da Vitivinicultura da CCIAH (Câmara do Comércio e Indústria de Angra do Heroismo), após análise desta necessidade, propôs desenvolver esta iniciativa, envolvendo as instituições que têm programas de apoio ou que intervêm diretamente no setor. Queremos dar formação certificada específica na área, quer teórica in loco. Pretendemos ter empresas especialistas na preparação de solos, nas plantas, no tratamento fitofármaco e nutrição. Queremos ter expostos equipamentos, não só na componente agrícola, mas também de transformação e de enologia, passando pela área da higienização das adegas. Faz todo o sentido termos empresas em que o foco é a proteção do operador/trabalhador apresentando soluções inovadoras. Para além disso, tudo o que orbita à volta do vinho, como garrafas, rolhas, grafismos, rótulos, cápsulas, copos, artesanato, etc. Quere-



mos ter opções para quem quer investir apresentando soluções financeiras, pelo que contamos com um parceiro nesta área. As datas são as que melhor se enquadram, quer no contexto laboral vitivinícola, de acontecimentos sociais, e por serem datas de pré-época alta na restauração, o que permite aos produtores mostrarem-se aos mercados com alternativas e sugestões. O local escolhido foi inequivocamente o Pavilhão Multissectorial da Ilha Terceira, pois é onde há condições estruturais para desenvolver um evento desta dimensão, em espaço fechado. É um marco histórico, pois até à data nunca houve uma exposição desta natureza nos Açores. Com este evento, os Açores iniciam um novo ciclo no que respeita à forma como o setor é exposto socialmente e comercialmente. É um evento de união, de convergência do setor, de abertura de mercados e

soluções. É um início, mas é um início correto. Certamente, após o evento teremos mais ideias a juntar e outras a melhorar. Não é um evento para substituir qualquer outra iniciativa. É um evento inovador e que permite credibilizar ainda mais a ilha Terceira neste setor, posicionando-a como player regional de pensamento próprio, o que não quer dizer divergente. É à "locomotiva Pico" que cabe liderar o setor.

Quais os parceiros envolvidos na organização e que produtores e empresas estarão representados no evento?

As parcerias foram sendo criadas à medida que o evento foi ganhando corpo e desenvolvendo sinergias. Logo à partida tivemos o apoio financeiro e/ou logístico da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo, Câmara Municipal da Praia da Vitória e Governo Regional dos Açores. Logo de

seguida, a GRATER associou-se, tornando-se um importante parceiro. Quando, posteriormente, o evento foi aberto à participação de instituições com influência direta na vitivinicultura, tivemos a agradável surpresa de um interesse generalizado em estarem presentes no evento: Associação de Municípios Portugueses do Vinho; Município de Vila do Porto; Confraria do Vinho Verdelho dos Biscoitos: Comissão Vitivinícola Regional dos Açores; Fundação do Ensino Profissional da Praia da Vitória; Laboratório Regional de Enologia; Universidade dos Açores; Direção Regional do Desenvolvimento Rural; GRATER; ADELIAÇOR; GEOPARK; Secretaria Regional do Ambiente; Secretaria Regional do Turismo; Junta de Freguesia dos Biscoitos; Junta de Freguesia do Porto Martins; Município de Angra do Heroísmo; Município de Praia da Vitória; Município de Évora; Município de Alenquer; Serviços de Desenvolvimento Agrário do Pico, São Miguel e Graciosa. Foram também desenvolvidas parcerias com a candidatura à Cidade Europeia do Vinho 2026, apresentada pelo consórcio de municípios dos Acores. No ramo económico, foram efetuados convites a todas as empresas associadas da CCIAH, e não só, a exporem produtos exclusivamente ligados à fileira, desde a preparação dos solos/vinhas, até ao copo, saca-rolhas, rótulos, arte, etc. Foi dada a oportunidade a todos os produtores dos Açores de estarem em provas de forma gratuita, não pagando nada pela sua promoção e pelo espaço. Para além de outros produtores nacionais, teremos também produtores de Cabo Verde, que muito nos vão honrar com o seu esforço para estarem presentes. Teremos empresas de âmbito internacional, outras de cariz regional. Globalmente, temos mais de setenta expositores dispersos por diversas áreas.



Que impacto se espera que este evento tenha no desenvolvimento da produção e comercialização de vinhos na Terceira?

Primeiro, este evento é para produtos vínicos. Logo, à partida o foco está bem definido, excluindo todo o resto. É transversal e universal no que respeita ao setor. No final do evento, esperamos ter gerado mais conhecimento, maior exposição das marcas, melhorado a atratividade do setor e potenciado mais negócio e interações comerciais.

Que atividades estão previstas? Podemos contar com palestras, provas de vinhos ou encontros entre profissionais do setor?

Vamos dar formação certificada a profissionais da restauração, haverá participação direta da Universidade dos Açores na divulgação dos seus cursos e trabalhos na área da vitivinicultura. Também vamos ter intervenções, palestras, fóruns de carácter informativo e de discussão sobre variados temas. Haverá provas comentadas, promovendo o conhecimento sensorial e prático. Nos jantares vínicos, vamos harmonizar vinhos da Terceira com pratos diferenciados, promovendo a restauração. Estarão à prova diversos vinhos e marcas para apreciação direta do consumidor final. Haverá exposição de técnicas e equipamentos diretamente ligados ao setor que podem gerar alternativas na produção de uva. Teremos presente um stand da Marca Açores, no qual estarão expostos diversos produtos açorianos de origem vínica. Relativamente, a comidas serão cerca de 500 lugares sentados, e uma diversidade enorme desde sushi. ostras, tasca tradicional, queijos e enchidos, doçaria, gelados, café açoriano, entre outros. Nas bebidas, serão vendidas águas, sumos, vinhos, e outras bebidas de base vínica, tipo sangrias, não sendo permitidas alternativas.

De que forma esta iniciativa pode contribuir para a promoção da Terceira como um destino enoturístico?

No culminar destas iniciativas, não só para promoção interna e regional, será fulcral a presença de meios de comunicação social de âmbito regional, nacional e internacional. Por esta razão e no intuito de expor e promover toda a fileira, incluindo o enoturismo nos Açores e evidentemente na ilha, estarão presentes



jornalistas e repórteres de imagem de revistas especializadas, que acompanharão todo o evento e atividades.

Que papel desempenham instituições como a Câmara do Comércio e Indústria de Angra do Heroísmo e outras entidades na organização e dinamização do evento?

A CCIAH, através da Mesa da Vitivinicultura (Câmara do Comércio; Câmara Municipal de Angra do Heroísmo; Câmara Municipal da Praia da Vitória; Governo Regional dos Açores; Associação Agrícola; Adega Cooperativa dos Biscoitos; Confraria do Vinho Verdelho dos Biscoitos; Adega dos Sentidos; Casa Agrícola e Vitivinícola de Rui Martins) tem o papel fundamental. Reunir sinergias e interesses comuns, projetando e materializando ideias e objetivos. Uma fileira que se preza e gaba de ter produtos de alta qualidade obrigatoriamente tem de ter instituições e associações à altura deste desafio. A CCIAH consegue reunir à sua volta interessados no bem comum do setor e que demonstram empenho, muito trabalho e resiliência em ultrapassar obstáculos e adversidades, centrando o seu foco no que realmente interessa, como é espelho este evento. Felizmente, o nível de sensibilização e envolvimento dos municípios tem sido excecional. A Vereadora Fátima Amorim, pela Câmara Municipal de Angra do Heroísmo, e a Vereadora Paula Sousa, pela Câmara Municipal da Praia da Vitória, têm prestado um trabalho que vai muito além do dever institucional, não só na Mesa da Viticultura, como também em outros assuntos que tocam ao setor. Para além disso, a Confraria do Vinho Verdelho dos Biscoitos, na pessoa do Grão-mestre José Aurélio Almeida, é de uma lucidez e articulação impressionantes. Por parte da Direção Regional do Desenvolvimento Rural, não poderíamos ter melhor acompanhamento, fazendo o Eng. Pedro Comporta a análise e soluções técnicas para o que se pretende, estando ele no compromisso não só institucional, mas também de muito querer e paixão pelo setor. Recentemente, juntou-se a nós a GRATER, estando esta representada pela coordenadora Carmen Toste, sendo a sua postura e competência uma mais--valia para esta organização. Eu próprio e o, também produtor, Sandro Mendonça, contribuímos com o conhecimento da realidade inerente à produção, desde a vinha até à adega, bem como no que diz respeito à promoção e comercialização, tanto nos aspetos mais difíceis e desafiantes, como na paixão que nos faz incrementar esta nossa atividade. Estão estes na direção do evento, mas acredito com toda a certeza que os restantes elementos da Mesa da Viticultura estão sempre disponíveis a colaborar se assim for necessário.

Considera que os Biscoitos já se afirmaram como uma zona de produção de vinho reconhecida a nível nacional e internacional?

Os Biscoitos é uma reconhecida zona vitivinícola, sendo no contexto de ilha a mais reconhecida. Em grosso modo, a adega mais antiga, a Casa Brum, já centenária (135 anos), ligada diretamente ao setor, está nesta zona. Por si só, foi sempre um ponto de referência. Por outro lado, na história mais recente o cooperativismo desenvolveu também nesta zona iniciativas muito relevantes, no caso a Adega Cooperativa dos Biscoitos, que fez 25 anos. Nos últimos anos, muitos investimentos foram efetuados nesta zona, quer em produção de uva, adegas e no enoturismo. Contudo, a ilha tem uma história muito rica e com diversos locais aptos à produção de uva e enoturismo que estão abandonados. A ilha tem de se projetar num todo, para que tenha expressão e maior possibilidade de afirmação. Vejamos o que se passa no Pico, ou Graciosa e até mesmo em Santa Maria.

Para os visitantes que não conhecem a tradição vitivinícola da Terceira, o que torna os seus vinhos únicos e diferenciadores? Os vinhos são o espelho do seu produtor, o que, aliado ao terroir próprio da ilha, confere características únicas. O espírito festivo mas muito cuidado que caracteriza o nosso povo, faz com que os seus produtores estejam intrinsecamente marcados por estas características. É como uma impressão digital, e quer se queira ou não os nossos vinhos transmitem esta personalidade social e cultural.

30 ANOS DE... PROJETOS EXEMPLARES

RAÇA É RECONHECIDA COMO AUTÓCTONE

O projeto que começou a salvar os burros da Graciosa

O burro anão da Graciosa é uma raca autóctone reconhecida desde 2015, mas houve tempos em que esteve em risco de extinção, depois de deixar de ser necessário no trabalho nas terras.

Na caminhada para a proteção da raça, pessoas como Maria da Graça Mendonça foram essenciais, com um dos projetos que também marcam os 30 anos de ação da GRATER.

Para a graciosense, a história comecou ainda na iuventude, com 15 anos, quando pediu um burro como prenda de aniversário. Na altura, ouviu muito a frase, que dizia que "mais uns anos e isto desaparece".

Também na adolescência, quando prestava serviço na Casa do Povo, num programa de ocupação de tempos livres, propôs fazer um inquérito para determinar o efetivo. Depois, pensou num plano para resgatar do esquecimento estes animais. E foi aí que surgiu a GRATER, que conheceu quando a associação de desenvolvimento local participava numa Feira Agrícola.



O projeto, que assentou num investimento elegível de 5.192 euros e num apoio de 3.831,76 euros, apostou em passeios turísticos, a preços simbólicos, numa filosofia de sensibilização.

Foi apoiada a aquisição de material – albardas e freios – e a construção de um estábulo. "Na altura, foi a ideia que me surgiu para chamar a atenção, para fazer com que as pessoas se aproximassem mais destes animais, que tivessem gosto e, assim, contribuíssem para que se evitasse a extinção. Distribuí os folhetos sobretudo nas agências de viagens, porque os graciosenses foram os últimos a ficarem mais sensibilizados", já

Os pequenos burros chamaram a atenção, incluindo fora da Região, mas continuava a existir a limitação de um efetivo muito reduzido.

Quando Maria da Graça Men-

donça ingressou na Universidade dos Açores, no polo da ilha Terceira, escolheu Biotecnologia e apostou na caracterização biogenética e biométrica do burro da

Foi quando tirou as dúvidas de que a raça tinha características distintas. Desenvolveu o trabalho genético com Artur Machado, professor da academia acoriana que acabou por ser o responsável pelo processo de designação do burro anão da Graciosa como raça autóctone. Maria da Graça Mendonça foi, por isso, uma das impulsionadoras desse objetivo. Continua a considerar que a raça é ainda frágil e precisa de ser protegida, mas o cenário é muito diferente do da sua adolescência. Foi, por exemplo, criada uma Associação de Criadores e Amigos do Burro Anão da Ilha Graciosa. Não podia gostar mais destes animais. "Conheço uma pessoa que o tinha como se fosse um animal doméstico: o burro entrava em casa e sentava-se no sofá a comer pipocas. Ao meio-dia, ia para o portão esperar a dona", contou.

ATELIÊ DE MARTA BRETÃO, RESTAURADORA **Onde renasce** a arte antiga

Certo dia, ainda pequena, Marta Bretão, sozinha em casa, partiu uma jarra de flores que a mãe guardava algures. Não era a primeira vez, e antes que fosse repreendida, como de costume, pôs em prática um plano que magicara: colou todos os pedaços partidos e preencheu o que faltava com plasticina. A família nunca deu por nada. A restauradora chama-lhe "instinto natural".

Marta Bretão não conhecia ninguém que se interessasse particularmente por arte antiga, por restauro ou conservação. Não sabe, por isso, de onde lhe vem o gosto. No entanto, foi essa a área que escolheu quando terminou o 12º ano: ingressou primeiro num curso técnico-profissional no antigo Centro de Restauro de Obras de Arte dos Açores, na ilha Terceira, e

depois, na Escola Superior de Conservação e Restauro, em Lisboa.

Os primeiros passos, já formada, foram dados ao abrigo da Lei do Mecenato, no antigo Centro de Restauro. Lá, em 1997, restaurou "Santa Úrsula e as onze mil virgens", uma pintura do século XVI, exposta na Igreja do Colégio, em Angra do Heroísmo. Foi o primeiro trabalho que assinou. Depois desse, vieram outros tantos e o volume cresceu de tal forma que percebeu a necessidade de abrir, em 2005, um ateliê

O ateliê de conservação e restauro de obras de arte é um espaco adjacente à sua casa, em São Mateus. Avançou na altura com o apoio da GRATER, um investimento elegível de 58.713,39 euros, que correspondeu a uma des-



pesa pública de 29.356,70 euros. "A GRATER foi fundamental, porque me permitiu pôr em andamento, em tão pouco tempo, uma coisa nova – não havia nada na área, não havia conhecimento – e dotá-la de equipamento essencial", recordou a especialista em restauro.

A Igreja e as entidades públicas são os principais clientes. Pelo ateliê já passaram pinturas do Núcleo de Arte Sacra do Museu Carlos Machado, de São Miguel ou as pinturas de grandes dimensões do Santuário de Nossa Senhora da Conceição. Há também muitos particulares a entregar nas mãos da restauradora as suas recordações pessoais.

É um trabalho muito exigente. Requer minúcia, dedicação, persistência e horas de estudo. Nada é dado por adquirido, porque todas as peças têm problemas diferentes. É uma missão que não pára, mas que é, garante-nos Marta Bretão, muito gratificante.



NOTÍCIAS

ASSINATURA DE MEMORANDO DO PROGRAMA BLUE AZORES

Presidente do Governo Regional defende que Açores lideram conservação marinha

Região quer ter 30% do seu mar salvaguar-dado, o que passa pela implementação de uma rede de áreas marinhas protegidas, mas também por um plano de reestruturação para as pescas.

O Governo Regional e vários parceiros assinaram, em fevereiro, o memorando de entendimento do programa Blue Azores, direcionado para a conservação marinha e a sustentabilidade dos recursos oceânicos.

"Damos mais um importante conteúdo na história da sustentabilidade da vida humana, animal e vegetal no nosso planeta", disse na ocasião o presidente do Governo Regional, José Manuel Bolieiro.

No centro do processo está a proteção de 30% do mar dos Açores. "O estabelecimento de áreas marinhas protegidas constitui uma parte essencial da estratégia global de conservação e gestão do meio marinho, adotada pelas Nações Unidas e pela União Europeia", reforçou o presidente do executivo açoriano.

Espera-se que, com a aprova-



ção do novo parque marinho, os Açores tenham um papel essencial para que Portugal cumpra as metas internacionais até 2030, elevando a proteção marinha nacional de 4,5% para 19,1%.

Recorde-se que, em outubro de 2024, os Açores criaram a maior rede de áreas marinhas protegidas do Atlântico Norte, com um total de 287 mil quilómetros quadrados sob proteção total ou elevada. "Esta medida não apenas contribui para a recuperação da biodiversidade marinha, como também fortalece a sustentabilidade das pescas e promove uma economia azul resiliente", entende o Governo Regional.

O programa Blue Azores contará com um financiamento de pelo menos 10,4 milhões de dólares para sua implementação nos próximos cinco anos, incluindo cinco milhões de dólares da Waitt Foundation, 2,7 milhões de euros da Fundação Oceano Azul e 2,7 milhões de dólares da Blue Nature Alliance.

A ministra do Ambiente e Energia, Maria da Graça Carvalho, garantiu já que o Fundo Ambiental está disponível para apoiar a compensação de eventuais perdas dos pescadores pela implementação da RAMPA (Rede de Áreas Marinhas Protegidas dos Açores). O memorando inclui várias metas, incluindo a implementação eficaz da RAMPA, a reestruturação do setor das pescas e a criação de um mecanismo que assegure a sustentabilidade financeira a longo prazo do Parque Marinho dos Açores.

CURIOSIDADES

do mundo rural

Saúde numa chávena

Tomar um chá pode ser mais do que um momento relaxante. Os chás possuem vários benefícios para a mente e para o corpo.

Por exemplo, o chá verde ou o chá branco têm propriedades antioxidantes, que combatem os radicais livres e que alguns investigadores pensam ter um impacto positivo no aparecimento de doencas crónicas.

Se o problema é stress, o chá de camomila ou a tília podem ser boas opções, dado terem características calmantes. Junte a valeriana para dormir melhor.

Quando se fala em fortalecer o sistema imunitário, as recomendações costumam ser infusões de gengibre ou de equinácea. Já uma boa digestão pode resultar do consumo regular de chás de hortelã-pimenta ou camomila.

Todos os chás são, além disso, uma boa escolha para hidratar o organismo e uma muito melhor opção do que as bebidas açucaradas.

Também pode cultivar as suas próprias ervas para chá. Pontos extra, se for mesmo tudo segundo o modo biológico.

Já agora, fique a saber que os Açores têm tradição no chá. A Gorreana, que remonta a 1883, é a plantação mais antiga da Europa.

REALIZADO POR INVESTIGADORES AÇORIANOS

Estudo para Parlamento Europeu recomenda POSEI-Transportes

Um estudo desenvolvido para a Comissão dos Transportes e do Turismo do Parlamento Europeu, que tem como coautores os investigadores açorianos Tomaz Dentinho e Mário Fortuna, sugere a criação de um programa de apoio aos transportes específico para as zonas ultraperiféricas, "semelhante ao POSEI".

Os autores consideram ser "indispensável" que as regiões ultraperiféricas (RUPs), entre as quais estão os Açores, beneficiem de adaptações regulatórias e de apoio financeiro ajustado para fazer face às dificuldades de mobilidade e também aos efeitos negativos que podem resultar da legislação climática europeia.

"O POSEI-Transportes e outras medidas indicadas não vão necessariamente trazer mais vantagens às RUPs, mas tão somente corrigir as desvantagens, aferidas pelo impacto nos indicadores de pobreza de mobilidade, que as possíveis taxas sobre os transportes aéreos e marítimos poderão trazer às RUPs", afirmou já Tomaz Dentinho.

Foram identificados também de-

safios no turismo. "Segundo os principais stakeholders consultados, a geografia territorial específica e a complexidade do sistema de transportes dos Açores geram impactos óbvios no turismo e na capacidade de atrair companhias aéreas que, num regime estritamente competitivo, pretendam explorar rotas diretas para a região", pode ler-se no estudo.

"Sendo o turismo o setor económico que atualmente mais contribui para a criação de valor acrescentado e emprego na região, a pobreza de mobilidade é uma questão crítica", sustenta o documento que será tido em conta pelo Parlamento Europeu.

Madeira e Açores, Canárias, Guadalupe, Martinica, Guiana Francesa, Reunião, Mayotte e São Martinho são as regiões ultraperiféricas da União Europeia.

O estudo, intitulado "Transportes e turismo nas regiões ultraperiféricas, avaliar a pobreza de mobilidade e os efeitos nas novas políticas climáticas", foi coordenado por Ambre Maucorps, do Vienna Institute for International Economic Studies.





FICHA TÉCNICA DIRETORA: Fátima Amorim » EQUIPA TÉCNICA: Carmen Toste, Luísa Andrade, Isabel Gouveia, Iria Pinheiro e Pedro Sales » EDIÇÃO: GRATER » GRAFISMO/IMPRESSÃO: Diário Insular » PROPRIEDADE: GRATER – Associação de Desenvolvimento Regional. Rua do Hospital, nº 19, 9760 – 475, Praia da Vitória. grater@grater.pt. www.grater.pt. Tel: 295 902 067/8. » www.facebook.com/grater.pt